

REDES DE RELAÇÕES CHANÉ-GUANÁ NO CHACO ENTRE OS SÉCULOS XVI E XVIII

João Filipe Domingues Brasil

Doutorando em História pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)

dominguesbrasil@gmail.com

Resumo: O presente artigo é parte integrante de tese de doutoramento que se destina a pesquisar a etnia indígena Kinikinau entre os séculos XVIII e XIX. Tal etnia, que após ter sido declarada extinta habita atualmente o estado do Mato Grosso do Sul, tem uma etno-história que remonta à ocupação de diversos territórios nas regiões denominadas hoje como Chaco e Pantanal. Sua origem identitária é diretamente associada aos Chané (Guaná), povo indígena que migrou em tempos pré-coloniais para as regiões supracitadas e esteve intrincada nas lógicas coloniais inerentes a elas, como nas disputas fronteiriças entre Portugal e Espanha, por exemplo. Tendo como referência o conceito de Redes de Relações desenvolvido na etnologia, o presente trabalho procura compreender e analisar historicamente as redes estabelecidas pelos Chané-Guaná com diversos atores sociais na região chaquenha entre os séculos XVI e XVIII.

INTRODUÇÃO

Desde o nascimento e desenvolvimento no país do campo de pesquisa histórica que hoje se denomina História Indígena, o Gran Chaco e os povos indígenas historicamente nele inseridos foram pensados sob ao menos dois aspectos. Não pretendemos realizar aqui um revisionismo histórico. Entendemos que cada proposta foi importante para revelar aspectos fundamentais acerca da etno-história da região. Caminharemos, contudo, no entendimento da etno-história Chané-Guaná no Chaco e no Alto Paraguai entre os séculos XVI e XVIII sob a perspectiva das redes de relações.

Alfred Métraux (1946) e Branislava Susnik (1971, 1972, 1978, 1981, 1982) foram os precursores das análises etno-histórica sobre as regiões aqui pesquisadas e conseqüentemente dos povos nela inseridos. Ambos foram pesquisadores que desenvolveram seus trabalhos na área etnológica e com grande repercussão em países de língua espanhola. A utilização de suas produções acadêmicas como referências para pesquisas históricas no Brasil nas últimas décadas demonstra as diferenças existentes entre os campos antropológicos e históricos no Brasil e no restante da América Latina.¹

¹ Para melhor compreensão dos trabalhos de Susnik, Métraux e das diferenças entre os campos antropológico e histórico no Brasil e na América Latina, vide EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. *Da pré-história à*

Acerca da proposta de entendimento de Susnik e Métraux sobre a etno-história do Gran Chaco, devemos considerar que

Métraux (1996 [1946]) avaliou que “tanto cultural como ecologicamente o Chaco es una zona de transición entre las llanuras tropicales de la cuenca del Amazonas, y las pampas aridas de la Argentina. A lo largo de su confin occidental, se encontraba amplamente abierto a las influencias del mundo andino, yal Este bordea com una zona subtropical habitada por tribos Guaraní, nutridas e guerrera. En el Chaco convergieran corrientes culturales de todas estas regiones, y se mesclaran para producir un nuevo tipo de civilización” (p. 32-3). Semelhante abordagem encontra-se em Susnik (1972, 1978 e 1981), que também considerou o Gran Chaco colonial como uma área de convergência de povos distintos que para ali migraram e de difusão do padrão neolítico pelos Chané-Guaná Aruák (CASTRO, 2010, p. 75).

Propomos aqui que o conceito proposto por Susnik e Métraux para a etno-história do Gran Chaco seja admitido como de convergência. Esse conceito está diretamente ligado ao entendimento sobre a ocupação da região. As pesquisas arqueológicas e a formação da região antes da chegada dos europeus têm grande importância para a elaboração de tal conceito.

Com o conceito de convergência, é possível estabelecer as bases sobre a etno-história das regiões aqui abordadas. Diversos autores já se debruçaram sobre esse conceito e mapearam etnicamente o Gran Chaco e o Pantanal. O Dicionário Etnográfico de Isabelle Combès (2010) é uma obra de referência para o entendimento da região chaquenha. Já para o Pantanal, Jorge Eremites de Oliveira considera que

Nas terras altas (serras, morros isolados, terraços fluviais etc.), havia aldeias de povos linguisticamente aruák e guarani. Nas terras baixas (áreas inundáveis), era marcante a presença de povos canoieiros, como os guató, os guasarapos e os payaguás, dentre outros. Nessa época, o Pantanal já era uma área de grande diversidade étnica e cultural, com dezenas de povos cultural e linguisticamente distintos, falantes de línguas vinculadas às famílias linguísticas aruák, gwaikuru, guató, jê e zamuco (OLIVEIRA, 2014, p. 21).

história indígena: (re) pensando a arqueologia e os povos canoieiros do Pantanal. 2002. 470 f. Tese (Doutorado em História/Arqueologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, [2002].

A partir da década de 1980 as pesquisas históricas sobre os povos indígenas no Brasil se desenvolveram e alcançaram um novo estágio no país. Como essa etno-história converge com a história dos impérios ibéricos e do próprio Brasil, compreender a história de maneira ampla e conectada é imperativo para que se alcance os objetivos pretendidos com as pesquisas.

A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO ACERCA DOS CHANÉ-GUANÁ NO CHACO

Na obra de referência “História dos Índios no Brasil” (CARNEIRO DA CUNHA, 1992), o artigo de Silvia M. Schmuziger Carvalho (1992) trata dos povos indígenas no Chaco. Foi o primeiro trabalho escrito em língua portuguesa acerca do assunto. A autora inicia o artigo caracterizando a região, pontuando que

Indicando inicialmente a província de Tucumán, o topónimo Chaco (do Quêchua "Chacu") passou a designar todo o território a leste dela: uma ampla planura que se estende por cerca de 700 mil quilómetros, abrangendo territórios da Bolívia, Argentina, do Paraguai e Brasil, limitando-se com os Pampas ao sul do rio Salado, com a região andina a oeste, com o planalto de Chiquitos e Velasco a noroeste, e com os rios Paraguai e Paraná. A região parece ter estado submersa num mar pouco profundo, erguendo-se com a formação dos Andes e apresentando hoje um solo compacto, sem trechos cristalinos e coberto, em algumas áreas ao sul, de camadas salinas. O declive mínimo do terreno para sudeste explica a tortuosidade dos rios. Os que, como o Pilcomayo e o Bermejo, não se perdem nas areias, confluem para o Paraguai-Paraná, mas têm um leito instável, o primeiro abrindo-se no Estero Patiiio para sair em dois ramos, o segundo, tendo tomado, a partir de 1868, uma direção mais setentrional, despejando suas águas no rio Teuco (Métraux, 1946:198). Por isso a região se apresenta com abundantes lagos e braços estagnados (CARVALHO, 1992, p. 457).

Logo após tal caracterização, Carvalho passa a tratar das pesquisas arqueológicas desenvolvidas sobre a região. Abordando propriamente os Chané-Guaná, a autora considera que “as correntes migratórias aravvak levam para o Mato Grosso, sem passar pelo Chaco, os Parecí; o ramo "huana" (Chané-Guaná) entra no Chaco pelo alto Madeira, precedendo na região os Chiriguano-Guarani; e dando-se a penetração dos Ceritococis-Chané pelo rio Miguel” (CARVALHO, 1992, p. 460).

O próximo tópico trabalhado pela autora é o da chegada dos espanhóis na região chaquenha. Acerca dessa questão, ela considera que

O interesse dos espanhóis pela região do Chaco explica-se por ela representar um caminho mais curto para as ricas terras peruanas, partindo a primeira expedição de terras hoje brasileiras, chefiada por Aleixo Garcia (entre 1521 e 1526), acompanhado de 2 mil Guaraní e alguns espanhóis. Garcia atravessou o Chaco boreal, atingindo os contrafortes andinos, habitados pelos Chané. Encontrou aí muita riqueza, chegando a enviar ao litoral de Santa Catarina muitas peças de ouro e prata; ele mesmo não voltou, morto pelos índios. Os Guaraní que o acompanharam recuaram para o Paraguai, estabelecendo-se entre Chané e Tarapacosí (Chiquitanos) (CARVALHO, 1992, p. 460).

É interessante observarmos que a base do que foi abordado acerca do trabalho de Carvalho foi construída com as pesquisas de Susnik e Méutaux, conforme propusemos compreender acima.

O tópico seguinte desenvolvido no trabalho de Carvalho tratou da ação jesuítica no Chaco. Nele, considera-se que

Em 1750, o tratado de Madri garante aos portugueses praticamente todas as terras que haviam conquistado, não sem causar graves problemas para os jesuítas que, além disso, são logo depois expulsos da América.

São substituídos principalmente pelos franciscanos, os quais só tiveram bastante êxito nos estabelecimentos do alto rio Salado, entre os Chané, em particular (CARVALHO, 1992, p. 467).

Tal abordagem, além de lançar luz sobre a ação jesuítica e franciscana na região, trata da situação dos Chané-Guaná em fronteiras. Tal fronteira seria a geográfica. Sobre questões acerca de fronteiras étnicas, considera-se no subitem seguinte do trabalho que

Encontramos duas áreas distintas em que povos Arawak estavam avassalados por outros grupos: a primeira, ao norte do Chaco ocidental, é a dos Chané, cuja dominação pelos Chiriguano (Tupi-Guarani) era de caráter violento. A outra, no alto Paraguai, é constituída por grupos aparentados aos Chané, mas designados como "Guaná", avassalados pelos Mbayá, caracterizando-se por relações mais de simbiose do que de sujeição violenta. Os Mbayá não conheciam a antropofagia ritual e, como muitos outros caçadores, tinham mecanismos de adoção-integração rápida dos seus cativos. Estes eram, aliás, de preferência Xamacoco, mantendo os Arawak sua unidade político-

econômica, e articulando-se com os Mbayá por meio de visitas periódicas destes, durante as quais os "senhores" cavaleiros tinham obrigação moral de presentear seus anfitriões com o que estes deles exigissem (CARVALHO, 1992, p. 460).

Percebemos nesse trecho convergências e divergências ao que já fora apresentado anteriormente. As convergências são das relações estabelecidas entre os Chané-Guaná, de *ethos* Arawak e os Guaikuru, além da ação jesuítica e franciscana nas regiões. As divergências estão na utilização do termo Chané-Guaná. O equívoco no trabalho de Carvalho parece ter sido motivado pelo não cruzamento dos dados disponíveis, além da não utilização de determinadas fontes como realizado por Richard & Combès.

Carvalho encaminha a finalização do trabalho indicando que “com as guerras da independência e as lutas internas, a política de criar reduções se eclipsa até ser retomada após a conquista do "deserto" pelo general Rocca. Começa então a aparecer, nos países independentes, uma legislação objetivando a integração do índio” (CARVALHO, 1992, p. 470).

Finalizamos a análise da obra de Carvalho indicando que ela foi, sem dúvida, um grande avanço e uma grande referência para a etno-história dos povos indígenas no Chaco e no Pantanal. Conforme sabemos, análises históricas estão sempre sujeitas ao estado da arte e conceitos disponíveis para utilização no momento em que são realizadas, pois, conforme indica Michel de Certeau (1982)

Certamente não existem considerações, por mais gerais que sejam, nem leituras, tanto quanto se possa estendê-las, capazes de suprimir a particularidade do lugar de onde falo e do domínio em que realizo uma investigação. Esta marca é indelével. No discurso onde enceno as questões globais, ela terá a forma do idiotismo: meu patoá representa minha relação com o lugar.

O conceito adotado por Carvalho e desenvolvido em sua obra, é o de Menting Pot. Esse conceito pressupõe, em uma tradução livre e direta, considerar as etnias pesquisadas pertencentes a um caldeirão de culturas amalgamadas em determinada localidade. A utilização de tal conceito impede que as redes de relações das etnias em questão sejam

colocadas em evidência, favorecendo o todo em relação ao local, em um sentido de superposição.

Maria Eunice Jardim Schuch produziu em 1995 a primeira dissertação de mestrado no Brasil acerca dos Chané-Guaná em situações fronteiriças no Chaco. A pesquisadora utilizou o trabalho de referência de Carvalho e o também a produção de Susnik e Métraux. Após sua análise, ela considerou que

Os Chané participaram de um sistema interétnico onde, mesmo vivendo todas estas situações adversas e enfrentando séculos de relações com diferentes segmentos de sociedades coloniais, conseguiram manter muito de sua maneira de ser. Alguns nomes tribais como “Layana”, ou o próprio apelativo “Chané”, foram atribuídos a tribos deste grupo desde os primeiros relatos da conquista. No século XVII já se falava na presença dos “Guaná” e dos “Equinquinao” no Chaco (SCHUCH, 1995, p.76).

O conceito utilizado por Carvalho, demonstrado anteriormente, foi posto em evidência e repensado por Jorge Eremites de Oliveira (2002) em sua tese de doutorado. A pesquisa é uma das mais completas e inovadoras sobre os povos indígenas no Chaco e no Pantanal. Oliveira utilizou da arqueologia, etnologia e etno-história para traçar um quase completo panorama etno-histórico das regiões.

Oliveira propõe a utilização do conceito de mosaico sociocultural para entender a região. Tal conceito “implica em considerar uma determinada área como um todo regional constituído de várias culturas ou sistemas socioculturais” (EREMITES DE OLIVEIRA, 2002, p. 159). Utilizando tal conceito, o autor considera que “os antigos Chané e Xaray são exemplos de povos Arawak, de origem amazônica, que desenvolveram complexos sistemas socioculturais” (EREMITES DE OLIVEIRA, 2002, p. 130).

Acerca da relação entre os Chané e Guaikuru, Oliveira pontua que

Não tenho dúvidas de que povos Arawak e Guaikuru se influenciam mutuamente do ponto de vista cultural, muito menos rechaço a interpretação de que a cerâmica etnográfica dos Kadiwéu possa ter sofrido influências andinas e subandinas por conta dos antigos Chané. Minha discordância é em relação à projeção dessa situação historicamente conhecida para o passado arqueológico mais longínquo, corroborando a tese de que o Pantanal e o Chaco teriam sido regiões meramente receptoras de influências alienígenas, quer dizer, que juntas comporiam uma grande área marginal da América do Sul,

seguinto o paradigma evolucionista de Julian Steward (1963). Ademais, etnograficamente a cerâmica de povos Arawak como os Chané e Terena possui muitas características morfológicas e decorativas distintas da cerâmica Kadiwéu conhecida historicamente. A bem da verdade, a introdução de elementos cerâmicos entre povos proto-Guaikuru, assim como sua própria origem, constituem temas mais complexos do que tem sido pensado até agora (EREMITES DE OLIVEIRA, 2002, p. 213).

Percebemos como Oliveira corrobora com informações apresentadas anteriormente e caminha em um entendimento mais holístico a respeito da região e propriamente dos Chané-Guaná. Seguindo no entendimento do grupo étnico em situações de fronteira, Oliveira considera que

Em tempos coloniais, muitos dos antigos Chané chegaram ao Pantanal por meio de ondas de deslocamentos territoriais motivadas pelo avanço da Conquista Ibérica e seus desdobramentos em grande parte do Gran Chaco e adjacências. Hoje em dia, por exemplo, os atuais povos Terena, Layana e Kinikinao são seus principais representantes em Mato Grosso do Sul, região onde se estabeleceram em fins do século XVIII e principalmente no século XIX. Para o período pré-histórico, entretanto, Susnik (1987) sugeriu que no primeiro milênio da Era Cristã ocorreu um grande movimento dispersivo de povos agricultores em direção ao sul do subcontinente, dentre eles alguns linguisticamente Arawak, provocado pelas conquistas incaicas nas zonas andina e tropical (EREMITES DE OLIVEIRA, 2002, p. 227).

A pesquisa de Oliveira, apesar de não tratar especificamente dos Chané-Guaná, significou um avanço para o entendimento em relação ao espaço histórico, geográfico e fronteiriços em que estiveram inseridos durante o período colonial.

Durante a década de 2000, os Chané-Guaná foram sujeitos de pesquisas histórias, que tinham ênfase na etnia Kinikinau, e aprofundaram o conhecimento acerca deles. Dentre essas pesquisas, podemos destacar as desenvolvidas por Silva & Souza (2005) e Iara Quelho de Castro (2010). Tais pesquisas significaram o estabelecimento de um estado da arte significativo acerca dos Chané-Guaná.

REDES DE RELAÇÕES CHANÉ-GUANÁ NO CHACO

Encarar a pesquisa sobre esse grupo étnico utilizando um conceito recente, como o de redes de relações, é um enorme desafio. Primeiramente, é preciso caracterizar tal conceito. Dentre as perspectivas metodológicas apresentadas para que entendamos as redes de relações Chané-Guaná com os demais grupos no Gran Chaco entre os séculos XVI e XVIII, consideramos que a que melhor se encaixa na pesquisa é a que propõe

Estudar essas relações intercomunitárias e entre os diferentes grupos através da abordagens multilocais, verificando como essas relações são abordadas e interpretadas a partir de esquemas cosmológicos, sociais e políticos específicos, levando-se principalmente em conta o fato de que essas formas de troca vêm sendo potencializadas pelo intercâmbio de concepções acerca do “ser índio” e das diversas experiências que mantêm com agentes do contato, já presentes no período colonial (GALLOIS, 2005, p. 14).

É necessário que se pontue a impossibilidade de realizar abordagens que trabalhe com esquemas cosmológicos, pela distância histórica e temporal da pesquisa. Focaremos, portanto, nas abordagens multilocais que verifiquem as interpretações de relações a partir de esquemas sociais e políticos específicos dos Chané-Guaná/Kinikinau.

As redes de relações ainda pressupõem necessariamente o manuseio das noções de fronteiras, uma vez que sua utilização permite “ampliar o entendimento de relações “intertribais e interétnicas” para além das contraposições culturais ou étnicas, de modo a incorporar situações em que a negociação, a troca e, inclusive, a fusão, predominam em relação à confrontação” (GALLOIS, 2005, p. 9).

É conhecido na literatura etno-histórica disponível um mundo dito Mbaya-Guaná, que se refere às intensas relações estabelecidas entre esses dois grupos étnicos desde tempos pré-coloniais. Além desse aspecto, analisaremos a seguir as relações “intra” Chané-Guaná.

Para tanto, propomos pensar o Chaco como uma área etno-histórica. Nessa área, os Chané-Guaná estiveram desde o século XVI intrincados em redes de relações com outros grupos indígenas e não indígenas, em situações de fronteiras.

A partir do século XVI, com os relatos de Ulrico Schmidel (1903 [1567]) e Alvar Nuñez Cabeza Vaca (1555), serão construídas fontes que permitem que compreendamos essas redes e o Chaco como uma área etno-histórica. Nesse sentido, relatos como os de José Jolís (1972 [1789]), Félix de Azara (1943 [1847]; 1988 [1809]), Sánchez Labrador

(1767) e Juan Francisco de Aguirre (1947 [1793]) são as fontes disponíveis para o século XVIII.

Tais fontes foram utilizadas por Métraux em seus trabalhos. Portanto, começaremos utilizando esse autor para caracterizarmos as redes de relações Chané-Guaná e o Chaco como uma região etno-histórica. Primeiramente acerca dos diferentes grupos Chané-Guaná no Chaco, Métraux (1996 [1946]) distingue “estas dos ramos de *Chaná*, cuya historia y cultura se desarrolló por caminos diferentes, se aplicará la denominación de Chané a las subtribus occidentales a lo largo de los Andes, y el nombre de *Guaná* a las subtribus orientales de la cuenca del Paraguay”.

Interessa-nos assim a caracterização realizada por Métraux do que ele nomeia de Guaná. Em termos territoriais, e podemos pensar fronteiriços, o autor intercrucza as informações de Sánchez Labrador e Azara e assim entende a organização chaquenha dos Guanás em meados do século XVIII:

Las colônias de los *Guaná* eran las siguientes: (1) Los *Layaná* (*Chaná*, *Guaná*) estaban ubicados frente a la boca del río Apa (Corrientes), sobre el río Yacaré o bien sobre el Galván; (2) los *Niguecactemic* (*Neguecagatemigii*, *Neguecatenigi*) eran una rama de los *Layaná*, y habían fundado una toldería separada a Oeste del Pan de Azúcar, más o menos a los 21°44'; (3) los *Tereno* (*Tereno*, *Etelena*) tenían dos tolderías al Oeste de los *Layaná*, a los 29° Sur; (4) los *Echoaladi* (*Choararana*, *Chararana*), muchos de los cuales vivían como siervos entre los *Eyibogodegí*, eran la subtribu más importante, y tenían dos plobados ubicados al Noroeste de los *Tereno*, a los 21°30'; y (5) los *Kinikinao* (*Equiniquinao*, *Quanaconas*) tenían su toldería aproximadamente entre los 19° y los 20° Sur (MÉTRAUX, 1996[1946], pp. 74-75).

Esse território Chané-Guaná no Chaco no século XVIII foi constituído através de dinâmicas intra e inter grupos que tornavam as fronteiras étnicas e geográficas fluidas, em um período e espaço em que o Chaco era entendido mais como um não lugar. Tal aspecto é reforçado com o entendimento de Métraux, que aponta que no começo do século XIX “los *Kinikinao* (*Quiniquinao*, *Equiniquinao*, *Equiliquinao*) estaban divididos en dos subgrupos; uno de ellos vivía aún en el Chaco, a los 21°56' Sur, y el otro en la ribera oriental de río Paraguay, estrechamente asociados con los *Mbayá*” (MÉTRAUX, 1996 [1946], p. 75).

Sendo assim, devemos considerar que as redes de relações estabelecidas desde tempos pré-coloniais e que influíam diretamente nas dinâmicas Chané-Guaná no Chaco foram antes intra do que interétnicas. Os diferentes grupos Chané-Guaná, longe de formarem um bloco monolítico, mantinham certa coesão sociocultural a partir dos relacionamentos estabelecidos entre suas diferentes parcialidades.

Os trabalhos de Iara Quelho de Castro (2010), Noêmia dos Santos Pereira Moura (2009), Verone Cristina da Silva (2001) e Jorge Eremites de Oliveira & Levi Marques Pereira (2012) permitem confirmar essa hipótese e ir um pouco mais além: essa coesão, além da língua Arawak, era possibilitada pelo *ethos* agricultor dos Chané-Guaná.

Devemos considerar assim que

A permeabilidade dos limites sociais dos Chané-Guaná se manifestou historicamente pela incorporação de coisas, concepções e pessoas que, como se observou anteriormente, em geral foram vistas positivamente. Os contínuos deslocamentos realizados em um amplo território e o caráter interativo e integrador das relações estabelecidas com outros grupos, que conduziram a uma maior flexibilidade das fronteiras material e simbólica dos Guaná, indicam que esses tinham uma dinâmica sóciopolítica ancorada em um *ethos* fundamentado em princípios de integração e hospitalidade que, como assinalou Schmidt (1917), era comum entre os Aruák. Contextualmente definida, a flexibilidade constituiu-se em uma das mais importantes características dos Guaná, habilitando seus grupos a, rapidamente, reelaborar suas relações e até mesmo suas identidades de acordo com novas demandas locais. Essa condição de permeabilidade das fronteiras Guaná resultou em larga medida na disposição e tendência dos seus grupos não somente para acomodar, mas também para incorporar o outro, verificando-se uma interação contínua, trocas, intercassamentos e visitas como aspectos fundamentais da sua vida coletiva que, no tempo do Chaco, se realizaram, sobretudo, com outros grupos indígenas e, posteriormente, estenderam-se aos europeus. Nesse sentido, as fronteiras do grupo estavam marcadas pela presença dos “outros”, cujos objetos, símbolos ou atributos podiam ser incorporados para a sua sobrevivência (CASTRO, 2010, pp. 109-110).

A área etno-histórica chaquenha que aqui identificamos como Chané-Guaná/Kinikinau, foi sendo construída, portanto, a partir de uma lógica intraétnica e

paulatinamente aberta aos demais grupos em movimentos ontológicos e territoriais que redefiniam fronteiras étnicas e geográficas de maneira muito intensa.

Se podemos pensar o Chaco como área etno-histórica a partir das relações intra Chané-Guaná, só poderemos conceituá-lo completamente tomando por base também as relações interétnicas por eles estabelecidas. Nesse caso, é importante entendermos o que fora construído na literatura etno-histórica e aqui chamamos de “mundo Mbayá-Guaná”.

Inferimos primeiramente que

Os relatos e as narrativas formulados por espanhóis, portugueses e brasileiros, que construíram discursivamente a superioridade dos Guaicuru resultaram na cristalização da representação da relação Mbayá-Guaná nos termos definidos naqueles discursos. Relações sociopolíticas que, por serem históricas, estiveram permanentemente sujeitas às mudanças, ao tempo vivido, porém isso nem sempre foi reconhecido. O que parece inegável é que na complexa rede de relações múltiplas e díspares, constituidora do Gran Chaco, como se viu anteriormente, o relacionamento dos Guaná com os Mbayá imprimiu marcas profundas na organização do espaço chaquenho até meados do século XVIII, sendo o seu entendimento uma das chaves que abrem a possibilidade de se entrever a percepção dos Guaná e de ampliação das abordagens que, predominantemente priorizaram a atuação dos Mbayá-Guaicuru (CASTRO, 2010, p. 45).

Percebemos, portanto, esse “mundo Mbayá-Guaná” como formulador e integrante da área etno-histórica chaquenha. As redes de relações estabelecidas entre e para além desses atores, influíram diretamente nas constituições étnicas desses e de demais grupos, e também nas dinâmicas coloniais nas quais estavam inseridos.

Sobre tais aspectos, pontuamos que

A peculiar relação entre os Mbayá-Guaicuru e os Guaná pode ser atribuída a um conjunto de elementos constitutivos de um processo de competição ecológica e de interação entre os grupos: o matrimônio entre os membros de cacicados, Mbayá-Guaicuru e Guaná; assalto Guaicuru a componentes de grupos locais Guaná, ou, ainda o controle das vias de comunicação com outros grupos populacionais, necessário ao comércio Guaná, conforme indicou Cardoso de Oliveira (1976a), que concluiu: “todas essas ocorrências (...) são fatos que expressam as vicissitudes por que passaram os Guaná em seu esforço de se ajustarem a uma conjuntura adversa” (p. 36). Dessa forma, pode-se

considerar que circunstâncias diversas teriam levado os Guaná a se adaptarem ao convívio com um povo guerreiro, mas, acrescenta-se, sem se integrar coletivamente ao grupo militarmente mais poderoso (CASTRO, 2010, p. 149).

Os trabalhos de Susnik e Métraux são, mais uma vez, reveladores de dinâmicas importantes que caracterizam o que aqui é exposto. O conhecimento por eles construídos, utilizando das fontes disponíveis para a região e os períodos aqui pesquisados, estão bem explicados no terceiro capítulo da pesquisa de tese de doutorado de Iara Quelho de Castro (2010).

Queremos iniciar uma conclusão parcial, observando que

Vassalagem, servidão, e, até mesmo, “escravidão” foram as categorias preferenciais usadas para caracterizar a situação interétnica Mbayá-Guaná, todas indicando a condição generalizada de subordinação dos últimos. Mas, como se tentou mostrar até aqui, sob uma perspectiva histórica, isto é, processual, pode-se perceber que essas relações revelaram-se instáveis, contingenciais, apresentando uma diversidade de formas, que dependeram das relações de força em vigência e, certamente, das concepções daqueles que observavam e descreviam. Frente às fontes, se pode afirmar que há uma convergência relativa à existência de um estreito contato entre Mbayá-Guaicuru e os Guaná e que o caráter do relacionamento foi objeto de interpretações diversas. A diversidade das descrições, mais do que representar diferentes pontos de vista, deve ser lida sob o crivo da história, que permite considerar as vicissitudes e contingências presentes no processo histórico, no interior do qual se constituíram, desenvolveram e se transformaram as relações Mbayá-Guaná. Dessa maneira, as caracterizações e classificações generalizantes, atemporais e reificadoras podem ser desfeitas, além de permitir levar em conta as relações de poder que atravessam os relacionamentos interétnicos em um dado contexto (CASTRO, 2010, pp. 189-190).

Pensarmos o Chaco em termos de região etno-histórica permite que avancemos na construção do conhecimento acerca dos Povos Indígenas nela inseridos. Ao historicizarmos e colocarmos em evidência os povos indígenas e suas redes de relações na região, percebemos o protagonismo indígena frente aos processos de colonização. E ao focarmos nos Chané-Guaná/Kinikinau em tal contexto, conseguimos desconstruir

saberes cristalizados e caminhar para o melhor entendimento acerca da etno-história Kinikinau.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIRRE, Juan Francisco de. *Etnografía del Chaco*, Manuscrito, 1793. Boletín del Instituto Geográfico Argentino, XIX, n. 7-12, 1947.

AZARA, Félix de. *Descripción e historia del Paraguay y del Río de la Plata*. Buenos Aires: Ed. Bajel, 1943 [1847];

_____, Félix de. *Viajes por la América Meridional*. Buenos Aires: El Elefante Blanco, 1988 [1809].

CABEZA DE VACA, Alvar Nuñez. Naufragios y Comentarios. 1555. Disponível em: <<http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-10028.html>>. Acesso em 18 ago. 2015

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: FAPESP/SMC/Companhia das Letras, 1992.

CARVALHO, S. M. S. *Chaco: encruzilhada dos povos e “melting pot” cultural*. In CUNHA, M. C. da. *História dos Índios no Brasil*. São Paulo, Fapesp/SMC/Cia das Letras, 1992.

CASTRO, Iára Quelho de. *De Chané-Guaná a Kinikinau: da construção da etnia ao embate entre o desaparecimento e a persistência*. Tese de doutorado em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). 2010.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1982.

COMBÈS, Isabelle. *Diccionario étnico: Santa Cruz de la Vieja y su entorno em el siglo XVI*. Instituto de Misionología: Editorial Itinerarios, 2010

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. *Da pré-história à história indígena: (re) pensando a arqueologia e os povos canoeiros do Pantanal*. 2002. 470 f. Tese (Doutorado em História/Arqueologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, [2002]

_____, Jorge. Os milenares. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, v. 100, p. 21-25, 2014.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge; PEREIRA, Levi Marques. *Terra indígena buriti: perícia antropológica, arqueológica e histórica sobre uma terra terena na serra de Macaraju, Mato Grosso do Sul*. Dourados: Editora da UFGD, 2012.

GALLOIS, Dominique Tilkin. (Org.). *Redes de relações nas Guianas*. São Paulo, FAPESP, Ed. Humanitas, 2005.

JOLÍS, José. *Ensayo sobre la historia natural del Gran Chaco*. Resistencia: Universidad nacional del Nordeste, facultad de humanidades, instituto de historia, 1972 [1789].

MÉTRAUX, Alfred. 1996 [1946]. *Etnografía Del Chaco*. Asunción: Editorial El Lector.

MOURA, Noêmia dos Santos Pereira. *O processo de terenização do cristianismo na Terra Indígena Taunay/Ipegue no século XX*. 2009. Tese (Doutorado) – PPGCS, UNICAMP, Campinas, 2009.

SILVA, Verone Cristina. 2001. *Missão, Aldeamento e Cidade. Os Guaná entre Albuquerque e Cuiabá (1819-1901)*. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá/MT.

RICHARD, Nicolás & COMBÈS, Isabelle. *O complexo alto-paraguaiense: Do Chado a Mato Grosso do Sul*. In: CHAMORRO, Graciela; COMBÈS, Isabelle (Orgs.). *Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transformações sociais*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.

SÁNCHEZ LABRADOR, José. *Diario del viaje a las misiones de Chiquitos desde la Reducción de Nuestra Señora de Belén, de indios Guaicurúes* (RAH, Mata Linares 56: ff. 430-448 [9-1711]), 1767.

SCHMIDEL, Ulrico. *Viaje al río de La Plata, 1534-1544*. Buenos Aires: Cabaut y Cia, 1903 [1567]. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/viaje-al-rio-de-la-plata-1534-1554/html/ff3a9778-82b1-11df-acc7-002185ce6064_82.html>. Acesso em 17 ago. 2015.

SCHUCH, Maria Eunice Jardim. 1995. *Xaray e Chané: Índios Frente à colonização espanhola e portuguesa no Alto Paraguay*. Dissertação (Mestrado em História) — Instituto Anchieta de Pesquisas, UNISINOS, São Leopoldo.

SILVA, Giovani José da; SOUZA, José Luiz de. *O despertar da fênix: a educação escolar como espaço de afirmação da identidade étnica Kinikinaw em Mato Grosso do Sul*. In: *Sociedade e Cultura*, V. 6, nº. 2, Jul./Dez. 2003. Goiânia: UFG, 2005, 149-156p.

SUSNIK, Branislava. *El Indio Colonial del Paraguay. El Chaqueño: Guaycurúes y Chanes-Arawak III*. Asunción, Museu Etnográfico “Andrés Barbero”, 1971.

_____, Branislava. *Dimensiones migratorias y pautas culturales de los pueblos del Gran Chaco y su periferia*. Resistência: Universidad Nacional del Nordeste. 1972

_____, Branislava. *Etnologia del Chaco Boreal y su periferia (siglos XVI y XVIII)*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero, 1978.

ANPUH-Brasil - 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - Recife, 2019

_____, Branislava. *Etnohistoria de los Chaqueños. Los Aborígenes Del Paraguay*. Asunción: Museo Etnográfico Andrés Barbero. 1981.

_____, Branislava. *Los aborígenes del Paraguay T. III/1 Ethnohistoria de los chaqueños (1650-1910)*. Assunción: Museo Etnográfico Andrés Barbero. 1982.